Um documentário sobre destruição de cinemas

Abrão Berman

Em meados dos anos 70 comecei a perceber que as salas de cinema que eu até há pouco freqüentava começavam a fechar. Eu via o Cine Regência virar primeiro auditório da TV Record e depois oficina mecânica; via o Cine Cosmos 70 virar estacionamento; via o Cine Picolino virar *buffet;* via o Cine Paulista virar galeria comercial. Todos na Rua Augusta, rua onde me criei e atravessava duas vezes por dia para ir à escola na Praça da República.

Ao assistir ao filme *A Rosa Púrpura do Cairo* voltou-me uma imagem que eu elaborava, principalmente nas segundas-feiras, dia em que mudava o cartaz do Cine Paulista. À medida que o ônibus se aproximava (a parada era em frente ao cinema) eu ficava entusiasmado observando por rápidos instantes a troca de cartazes. E minha imaginação fazia os atores sair do cinema e vir até a calçada, malas e casacos na mão, à procura de táxi.

Uma cobrança interna começou então a me atormentar. Como se eu precisasse fazer alguma coisa, não para salvar os cinemas (já condenados) mas para, ao menos, preservar uma lembrança de sua imagem.

A imprensa já começava a chamar a atenção do fato. Uma reportagem em um jornal carioca alardeava: "Os cinemas estão fechando... mas o espetáculo continua". Munido com minha câmara Super 8 e muitos rolos de filme, iniciei uma peregrinação pela cidade, filmando todos os locais que haviam sido cinemas e que tinham deixado algum vestígio. Uma marquise, uma moldura de cartazes, um detalhe de decoração na fachada etc. E à medida em que filmava descobria que a cidade perdia dezenas de salas a cada mês.

Com duração de 10 minutos a primeira versão de *Os Cinemas Estão Fechando* mostrava então 18 cinemas fechados e foi apresentado no V Super Festival Nacional do Filme Super 8, em 1977, com um corte na trilha sonora imposto pela Censura. Justamente no trecho em que eu culpava a Censura pelo rigor na proibição dos filmes para menores de 18 anos, afugentando a nova geração de continuar a freqüentar as salas.

Acredito que eu ainda era bebê quando minha mãe me levava ao Cine Metro, na Avenida São João, para assistir aos musicais da Metro e às fantasias aquáticas de Esther Williams. Isso, sem dúvida, me influenciou não só a me apaixonar pela arte do Cinema como também a encarar a ida ao cinema como um ritual especial. Que sensação maravilhosa o escurecer gradativo da luz na sala, com o gongo anunciando o início da sessão. As cortinas se abrindo lentamente (no Metro eram em gomos e pareciam de seda) e as primeiras imagens na tela.

Em 1980 comprei uma máquina fotográfica profissional (Canon) e decidi recomeçar meu trabalho do princípio também fotografando (em branco e preto). Nessa altura muitas salas já tinham sido demolidas como o imenso Cine República, onde eu vi a 3ª Dimensão, a maior tela do mundo e a estréia do Cinemascope com *O Manto Sagrado.* A fase inicial de sua demolição pode ser vista no filme, bem como o Metro Copacabana (Rio) e o imenso Cine Tropical, na Lapa.

Circular pela cidade parecia uma verdadeira peregrinação. Ou uma aventura arqueológica. Eu saía de casa pela manhã com um mapa de indicações. Uma carta para não me perder pela cidade. E fazia descobertas incríveis. Como a do imenso vazio do Cine Piratininga, no Brás, cuja fachada ostenta ainda hoje os dizeres "O Maior Cinema do Brasil" e seu orgulho de ter 5.000 lugares à disposição dos espectadores. Caminhando entre os carros estacionados na imensa área da platéia eu tinha a impressão de ouvir vozes. Acabei incluindo essa sensação na nova versão do meu filme, feita em 82, com 30 minutos de duração e o registro de 35 cinemas fechados. O filme termina com minha câmara perambulando entre as gôndolas de um supermercado ao som fantasmagórico da trilha final de *...E o Vento Levou.*

Quando em outubro de 1982 minha primeira exposição fotográfica ocupou uma das salas do Museu da Imagem e do Som, em São Paulo, eu me senti aliviado. Uma sensação também de posse de imagens, que me dava o poder de fazer permanecer para sempre. A exposição, com a projeção do filme, atraiu muita gente. E muitas reclamações pela ausência de outras salas de inúmeros bairros de São Paulo, o que me fez reiniciar logo a caça às imagens. E enriquecer meu arquivo atingindo quase 50 falecidos cinemas.

Tenho plena consciência dos motivos que provocaram tal situação. Que, aliás, é mundial. Reconheço que houve mudança nos costumes. Só lamento que o fechamento continue. A maioria das vezes na calada da noite, não dando tempo para nenhuma xereta registrar as imagens da sala. Pouco se faz para impedir que esse fechamento continue. Ouço falar apenas de discussões sobre incentivos. Discussões.

Se o cinema ficar limitado a ser visto unicamente através de uma tela de televisão ele perderá justamente a sua essência: o clima mágico que envolve o espectador no escuro da sala.

Fotos de Abrão Bermann

O Cine Rialto, no Brás, em São Paulo, perdeu suas 1.600 poltronas e hoje funciona como salão de bailes.

Fechado no final dos anos 70, o Piratininga oferecia 5 mil lugares e também ficava no bairro do Brás.

Fotos de Rubens Barbosa/AJB

O projeto da fachada do cinema obedeceu a desenhos vindos especialmente do México com motivos astecas.

A demolição do Cinema Azteca (abril de 1974) começou pelos dragões verdes e pelas imponentes colunas.

Azteca: a exótica fachada permanece nas lembranças de antigos freqüentadores

O Azteca foi construído no Catete (Rio) em 1951 para exibir os então prestigiados filmes mexicanos.